

A retrospectiva de SARAH AFONSO

Na Junta de Turismo da Costa do Sol está exposta uma retrospectiva de Sarah Afonso. A Junta de Turismo da Costa do Sol continua a garantir lugar de vanguarda na divulgação cultural, bastando assinalar entre as sucessivas exposições promovidas as de Lima de Freitas, pintura de ficção científica, a homenagem a António Maria Lisboa e, agora, a retrospectiva de Sarah Afonso.

Sem economizar nos elogios devidos à bondade da iniciativa, diremos todavia que a mostra patente mingua em dimensão, confrontada com uma verdadeira homenagem pública que uma tão longa actividade criadora apelaria neste momento. Não caberia talvez àquele organismo a paternidade do feito, mas o que é certo é que a actual retrospectiva corre riscos de confusão com essa grande retrospectiva ideal. E a mostra fraccionada e limitativa de retratos é insuficiente para dar ao público, para mostrar ao País, o retrato de corpo inteiro que a obra de Sarah Afonso exige.

Mas para uma fracção de aficionados e conhecedores a selecção é bastante. Nela pode

Tagarro e Valdemar da Costa” — 1929.

Com o retrato do primeiro filho marca Sarah Afonso o encontro com a nova linha de expressão genuína (datado de 1936), e sem dúvida que esse encontro pressupõe outro, anterior e determinante, com o mestre Almada Negreiros. Não o Almada da procura esotérica no mundo das formas, da geometria secreta, mas o Almada da “Invenção do Dia Claro” e da “recuperação da ingenuidade”. O encontro forjador do quadro familiar essencial e puro, plástica amorosa gerada na aplicação da regra do I mais I igual a I. Há na pintura de Sarah Afonso, na sua pintura do género feminino, a procura de recriação poética do universo da primeira família, a intuição da concepção paradisíaca da vida.

Regressar ao círculo primordial do paraíso, limpar as retinas da alma para a vidência das coisas à transparência da clareza pura da primeira manhã do mundo. Associa-se na tradição o jardim ao Eden, as formas vegetais ao lugar ideal do paraíso. Daí o enriquecimento



perseguir-se a procura evolutiva de uma fase académica em direcção ao encontro de uma expressão original.

Da primeira época, tributária de um academismo de escola em pujança ainda (apesar de Kandinsky e da aventura abstraccionista pelas formas do não figurativo, do cubismo etc.) podem destacar-se alguns dos admiráveis retratos, de que relevam os de “Matilde Velez Caroço” — 1932 e os de “Jose

vegetalino na pintura de Sarah Afonso, os cenários dos azuis puros e ingénuos que são águas novas ou novos céus, as figuras fantásticas e simbólicas que aí se suspendem, o perfil infantil que neles se centra. “O melhor do mundo são as crianças”, e de crianças se povoa a obra de Sarah Afonso — crianças que os gregos adoravam por vir ainda quentes das mãos dos deuses, acabadas de chegar do outro lado da vida.